

EDUCAÇÃO AFRO-BRASILEIRA NA ESCOLA, E A LEI 10.639/03

João Paulo Ferreira da Silva ¹
Prof. Dr. João Batista Gonçalves Bueno ²
Roselane Silva da Cruz ³

INTRODUÇÃO

A educação transformadora é construída a partir da interação entre discentes, docentes e a comunidade onde a escola está inserida. Nesse fazer os docentes devem reconhecer os conhecimentos prévios que os discentes possuem, visto não serem tabuas rasas, uma vez que a comunidade e a família, também são espaços de aprendizagem. Nesse processo o docente não é o detentor do conhecimento, tão pouco das verdades absolutas, uma vez que no campo das ciências humanas tudo é transitório, passível de transformações, construções, rupturas, descontinuidades, ou continuidades no tempo e no espaço, como também de desconstrução. Os docentes devem buscar a partir de tais categorias um fazer pedagógico que parte da iniciativa discente, de modo que estes adquiram autonomia, e o docente assuma a postura de colaborador/a da aprendizagem e estimule-os a construção do conhecimento. Ensinar História a partir dessa perspectiva é possibilitar aos discentes a construção de suas interpretações acerca dos fatos estudados. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é o de discorrer sobre a minha experiência como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID); ação desenvolvida na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Rodrigues de Carvalho, localizada no município de Araçagi-PB. Durante a trajetória intervi nas aulas de História, principalmente na turma do 3º ano do ensino médio, e contribuí com a docente titular do componente de História de tal unidade de ensino. Deste modo trago as experiências como docente nessa escola, onde ministrei aula sobre “A descolonização da África”. A escolha desse tema se deveu ao fato dele fazer parte dos conteúdos de história da África, tema obrigatório, conforme a Lei 10.639/03. Essa lei tornou obrigatório o ensino dos conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas públicas e particulares da educação básica. A partir do ponto de vista do Afrocentrismo, relacionei o universo africano com o que a docente de História ensinou. Para além da obrigatoriedade, ensinar os conteúdos de história e cultura afro-brasileira e africana se constitui uma oportunidade de levar os discentes a se reconhecerem parte da História, ou seja, agentes de sua história, reconhecer-se etnicamente e perceber que sua história é parte ou está inserida na história do Brasil. Assim sendo espero ter contribuído com a formação escolar dos discentes, e, sobretudo, a formação cidadã, à medida que eles tiveram acesso ao conhecimentos sobre o Continente Africano. Espero a ação tenha despertado nos discentes o desejo por novos estudos relacionados com a História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

¹ Graduando em História pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus Guarabira. Integra a Equipe do Pibid História. Turma 2018/2019. jpaulof08@email.com;

² Professor do Departamento de História da Universidade Estadual da Paraíba, Campus Guarabira. Coordenador do Pibid História.

³ Graduanda em História pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus Guarabira. Integra a Equipe do Pibid História. Turma 2018/2019. Roselaneacruz1997@gmail.com

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Optou-se pela realização de uma aula onde de fato pudesse trazer o aluno para o centro da ação pedagógica, lancei mão de uma metodologia simples: uma aula expositiva e dialogada. Assim busquei proporcionar informações acerca do assunto em voga, de modo a facilitar reflexões dos alunos/as através dos questionamentos por eles formulados após a exposição dos dados e apontamentos. De início parti dos conhecimentos prévios que eles/as possuem sobre o Continente Africano, assim tornaram-se protagonistas, e perceberam-se parte na construção do conhecimento. O tema da aula foi: “A descolonização da África”, a partir deste ponto explorei junto aos alunos os mais diversos fatores que colaboraram/contribuíram com o processo de descolonização da África, tais como: 1) Segunda Guerra Mundial (1939-1945), uma vez que este conflito mundial enfraqueceu economicamente parte dos países que detinham colônias no Continente Africano, 2) a criação da ONU (1945) logo após o fim da guerra uma série de compromissos de ordem em defesa da paz mundial entrou na pauta do dia, e portanto, as nações que formavam o bloco do terceiro mundo estabeleceram acordos diplomáticos com vários países em busca da cooperação humanitária. Dentre outras questões, enfatizei ainda a deflagração do conflito de ordem ideológica, ou seja, a Guerra Fria (1945-1991). Tal confronto no campo das ideias, socialistas e capitalista impulsionaram os debates entre os países aliados a um dos blocos, o que desencadeou o sentimento de independência de diversos países do mundo, que declararam independência da polarização do mundo, por meio da Conferência de Bandung (1955). Através desta conferência foi possível reunir 29 países - da Ásia (Afeganistão, Birmânia, Camboja, Ceilão, República Popular da China, Filipinas, Índia, Indonésia, Japão, Laos, Nepal, Paquistão, República Democrática do Vietnã, Vietnã do Sul, e Tailândia); do Oriente Médio (Arábia Saudita, Iêmen, Irã, Iraque, Jordânia, Líbano, Síria, e Turquia); e do Continente Africano (Costa do Ouro (atual Gana), Etiópia, Egito, Líbia, Libéria e Sudão), o baixo número de países Africanos revela a existência da dependência dos países Europeus - que firmaram vários pactos, dentre os quais: Cooperação econômica, cultural, além de trazerem a tal conferência um importante debate: a questão do racismo. A conferência também impulsionou a descolonização da África Portuguesa, evento que ganhou força na década de 60. O primeiro País a conseguir a independência foi Guiné (1974). O processo de liberdade de Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, e Angola ocorreram (1975). Neste período Portugal vivia uma ditadura militar, tendo a frente Antonio Oliveira Salazar, que empregou o sistema ditatorial conhecido como: Salazarismo (1932-1970). Mesmo após a morte de Salazar, a ditadura resistiu tendo a frente do poder Marcelo Caetano que ficou até (1974), quando em 25 de abril do mesmo ano, ocorreu uma importante intervenção no Estado Português, qual seja a Revolução dos Cravos; movimento político promovido por alguns soldados e parte da população civil, o que pôs fim a ditadura Salazarista. Para explicar todos esses eventos, bem como suas relações no tempo e espaço, sobretudo, as transformações que ocorreram no período, fiz uso de um mapa mental, pois assim creio ser uma forma didática de o/a aluno/a aprender, e de fazer ponderações, não para fixarem, mas para consubstanciar os conhecimentos prévios que trazem diariamente para a sala de aula, principalmente porque tem acesso às novas tecnologias, recurso que deve ser aliado ao processo ensino aprendizagem. Como materiais utilizei o livro didático, nele os/as alunos/as realizaram pesquisa sobre o tema da aula, fizeram um pequeno resumo. Nesse momento complementei os conhecimentos prévios adquiridos na Universidade Estadual da Paraíba – Campus de Guarabira-PB, instituição onde curso Licenciatura em História. A

utilização do quadro negro tornou-se um grande espelho, fiz pequenos apontamentos para construir sempre de forma dialogica anotações pontuais. Os/as alunos(as) participaram a medida que fizeram vários questionamentos sobre o tema. Prontamente busquei responder aos questionamentos formulados sobre o que fora exposto em sala. O universo da aula e deste trabalho foi à turma do 3º ano do ensino médio, composta por 45 alunos/as. A escolha por essa turma se fez pela acessibilidade, e de ter levado em consideração a experiencia que estes adquiriram ao longo de suas vidas como estudanes secundaristas, e o fato de estarem preparando-se para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), visto acredito que tal conhecimento poderá contribuir com o desenvolvimento e aprendizagem em preparação para este momento importante na vida destes (as).

DESENVOLVIMENTO

O meu proposito foi trazer para o cerne da questão estudada a Afrocentricidade, uma vez que é de meu interesse como academico e futuro Professor de História, desconstruir a imagem negativa acerca do Continente Africano. Isso me possibilitou identificar entre os/as alunos uma visão reducionista acerca do tema, o que não me surpreendeu, uma vez que são diariamente bombardeados pelos canais de TV e Rádio, que trazem ainda uma visão eurocentrica sobre a África. Desta forma busquei fazer uma pesquisa previa no livro didatico disponivel na escola, e lancei sobre o mesmo um olhar critico, o que possibilitou identificar possiveis lacunas para a partir destas pensar a aula de forma a trazer algo a mais, que pudesse contemplar de forma didatica e ser exposta para os alunos. Essa iniciativa serviu como ponto de partida para as discussões propostas, bem como as que pudessem despertar nos alunos à vontade/desejo de pesquisarem e se aprofundarem sobre o tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A aula proporcionou, tanto aos alunos quanto a mim duas questões, uma delas se assenta no fato de que o livro didático, mesmo após a aprovação da Lei 10.639/03, ainda é montado de forma estruturalista, e parte de uma genese ainda eurocentrica, o que dificulta o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana. Isso revela lacunas imensuraveis quanto ao conhecimento do alunado, que por vezes só tem acesso ao livro didático, e nele encontra uma intenção, que passa pelo apagamento da História e Cultura afro-brasileira, isso se revelou a partir do cruzamento de dados e comparação quando da preparação da aula, e pesquisas nos materiais aqui já mencionados. Outra questão que nos chamou a atenção de forma particular, foram as barreiras ainda enfrentadas na cronologia do ensino de História, questão presente no imaginário dos estudantes e na realidade da escola, bem como na dificuldade da professora em unir teoria e prática no ensino de História; questão que também vivenciei. Nesse sentido, busquei aproximar-me de teóricos que dessem sustentação para melhor atuação didática, os quais se preocupam de fato com a transformação do campo educacional. Desta forma busquei ajuda no patrono da educação brasileira, Paulo Freire, e encontrei preciosas questões acerca da educação, bem como do próprio ser humano, em sua obra Educação e Mudança. Partindo da contribuição de Freire, despertei nos alunos aquilo que esse educador denomina de consciência crítica, ou seja, se afirma alguém que não se satisfaz com as aparencias, portanto está sempre disposto às revisões, se constitui um ser indagador que investiga, e que em face ao novo não repele o velho, nem aceita o novo por ser novo, mas aceita-os a medida em que

são válidos, significativos. Assim o homem é criador de seu universo, é protagonista, cria o seu mundo histórico e cultural. Freire diz em sua obra que “o homem deve ser o sujeito de sua própria educação. Não pode ser o objeto dela. Por isso ninguém educa ninguém” (FREIRE , 1979 p.28). Essa citação é plena de inteligência sem igual, para deixar claro que ensinar é sempre uma intenção, e que não se educa ninguém, se isto não lhe for o seu próprio desejo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Creio que a minha experiência aqui compartilhada aponta para duas questões, o livro didático ainda é organizado de forma estruturalista e com cunho ideológico eurocentrico, negligencia outras linhas de pensamento, e contribui para a manutenção do status quo. Outra questão fora a necessidade de uma revisão bibliográfica, e maior responsabilidade por parte dos autores dos livros didáticos. Espera-se deles maior compromisso e dos órgãos responsáveis pela educação brasileira. Dos gestores/as espera-se o cumprimento da Lei 10.639/03, que tornou o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana obrigatório nas redes públicas e particulares da educação básica, uma vez que na escola onde atuei identifiquei poucas ações pedagógicas acerca do tema demandado por essa lei. No alunado identifiquei o sentimento de orgulho em fazerem parte da construção do conhecimento, sentindo-se a vontade para fazerem perguntas e questionamentos acerca do tema da aula, e ainda foi possível sentir que estes construíram a partir de então o sentimento de identidade com a História Afro-Brasileira. Uma vez identificadas essas questões, acredito ser possível uma revisão do livro didático, bem como ser possível a partir do esforço do docente, bem como do discente, construir uma pedagogia/ensino crítico, uma oportunidade de fazer com que haja transformação no campo educacional, cuja tangente é a área de História, partindo da África para o mundo, pois foi deste ponto que nasceu a humanidade.

Palavras-chave: Educação; Transformação; Aprendizagem.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

PELLEGRINI, Marco Cesar – **Coleção Novo Olhar História** / Marco Cesar Pellegrini, Adriana Machado Dias, Keila Grinberg. -- 1. ED. -- São Paulo: FTD, 2010. -- (Coleção novo olhar ; v.3) p. 162, 163, 164, 165, 166, 167.

SILVA, Mauricio. Afrocentricidade: um conceito para a discussão do currículo escolar e a questão étnico-racial na escola. In. **Revista de Educação**. PUC-Campinas. Campinas maio/ago., 2016.